A entrevista de pesquisa com jornalistas: algumas estratégias metodológicas

Fábio Henrique Pereira
Doutor | Universidade de Brasília
fabiop@gmail.com

Laura Maria Neves
Mestranda | Universidade de Brasília
lauramarianaves@gmail.com

Resumo

Neste artigo analisamos as especificidades da entrevista de pesquisa com jornalistas. Partindo de uma abordagem interacionista e etnográfica, discutimos o processo de condução das interações entre entrevistador-entrevistado e as modalidades de restituição do discurso dos jornalistas em relatos de pesquisa. Partimos de nossa experiência com entrevistas realizadas em diferentes situações de pesquisa. De modo geral, a entrevista de pesquisa com jornalistas exige certas precauções com relação à constituição de um corpus de pesquisa representativo para a realização de entrevistas mais longas e flexíveis e para o desenvolvimento de mecanismos de resgate da memória dos entrevistados, assim como para a minimização da linha oficial no discurso dos informantes.

Palavras-chave

Entrevista. Jornalista. Metodologia de pesquisa.

1 Introdução

As pesquisas no campo do jornalismo na América Latina têm se utilizado cada vez mais das metodologias qualitativas como forma de operacionalizar investigações empíricas (MELLADO, 2010), com destaque para a entrevista. Este crescimento se ancora, por um lado, no desenvolvimento de uma tradição etnográfica nos estudos da área, representados pelo Traquina (2001) de "teorias etnoconstrucionistas da notícia". Mas também remete ao modo

como o campo acadêmico da Comunicação se estabeleceu nesses países, pelo ingresso em universidades latino-americanas de antigos jornalistas, que adaptaram às suas pesquisas os conhecimentos adquiridos na prática das redações.

Esse duplo processo - de proliferação do uso da entrevista nas pesquisas em Comunicação e sua transposição a partir da prática jornalística - também abre margem para que se discuta qual o espaço ocupado hoje por essa metodologia. Como utilizar uma técnica também considerada "jornalística" em estudos vinculados a esse campo? Que tipo de precauções o pesquisador deve tomar ao entrevistar jornalistas? Existem especificidades nas entrevistas de pesquisa feita com jornalistas? Ou é possível partir dos mesmos pressupostos que permeiam a investigação em Ciências Sociais?

Tais questionamentos orientam, até certo ponto, a redação deste artigo, que busca discutir as estratégias metodológicas para a condução de entrevistas de pesquisa com jornalistas. Evitaremos, é claro, dar ao texto o tom de manual de metodologia. Na verdade, vamos fundamentar o debate na revisão da literatura em Ciências Sociais, em nossa experiência de pesquisa e, particularmente, nas condições de realização de três estudos qualitativos distintos em que a entrevista foi empregada: o primeiro, conduzido em 2011, investigou a identidade e as trajetórias de dez jornalistas-intelectuais brasileiros[1]; o segundo, iniciado em 2012, analisa as carreiras profissionais dos jornalistas em Brasília[2]; e o terceiro, iniciado em 2013, trata das relações entre jornalistas e assessores de imprensa durante o regime militar[3].

Em comum, as três pesquisas partem de uma perspectiva interacionista e etnográfica aplicada aos estudos em jornalismo. Nesse caso, optamos por trabalhar dois aspectos da entrevista: o processo de condução das interações entre entrevistador-entrevistado e as modalidades de restituição do discurso dos jornalistas em relatos de pesquisa. Este recorte não esgota a discussão sobre a entrevista com jornalistas. Mas pode dar algumas pistas para um debate mais aprofundado sobre o processo de uso/adaptação de metodologias qualitativas nos campos do Jornalismo e da Comunicação.

[1] Empreendido por Fábio Pereira. Foram entrevistados dez jornalistas.
[2] Empreendido por Fábio Pereira. Foram entrevistados, até o momento, 20 jornalistas.
[3] Empreendido por Laura Maria Naves. Foram entrevistados, até o momento, três jornalistas.

2 A entrevista como uma interação

Existem diferentes formas de situar o uso da entrevista em Ciências Sociais. Pode ser uma ferramenta de coleta e registro de dados (MANN, 1970), um diálogo (MEDINA, 1995; TRAVANCAS, 2012), um método de coleta e registro de narrativas e histórias de vida (ABREU, 2012; HEINZ; KRÜGER, 2001). No caso específico deste artigo, não temos a pretensão de descartar as contribuições de outras perspectivas (porque algumas delas convergem entre si e com nossos próprios pressupostos). Mas vamos considerar a entrevista como uma interação simbólica, uma situação em que se negociam pontos de vista, sentimentos e motivações, interpretações sobre o mundo, estatutos e identidades sociais. Assim,

> Se alguém observa os entrevistadores não como dados, mas como locais interativos de construção de significados, o papel do entrevistador deixa de ser totalmente passivo e neutro. Independentemente de planejarmos - e independentemente de gostarmos - as narrativas do entrevistado são influenciadas pela interação social que se desenrola na entrevista e pela atitude do entrevistador em relação à interpretação da narrative. (JÄRVINEN, 2003, p. 225-226)[4].

Se tomamos essa perspectiva como pressuposto, devemos, antes de tudo, reconsiderar qual deve ser a postura do entrevistador, visto agora como um co-construtor dos dados gerados durante a entrevista. Assim, o relato de uma conversa entre entrevistador e entrevistado consiste no resultado de um processo de negociação entre os dois participantes da interação. Ele revela um processo de dupla interpretação em que pesquisador e informante se avaliam e interpretam o sentido dos discursos articulados por ocasião dessa interação. Isso ganha uma conotação particular em uma interação entre pesquisador e jornalista. Os dois dominam a técnica da entrevista. Conhecem o trabalho um do outro. A interação entre eles funciona, portanto, como uma espécie de "espelho entre atores com objetivos variados". (BROUSTAU et al., 2012, p. 16). Sua análise remete às condições de produção desse relato e à maneira como os participantes negociam seus estatutos e papéis sociais.

[4] Tradução de: "If one regards interviewers not as recording but as interactive sites for meaning making the interviewer's role cannot be totally passive and neutral. Whether planned or not - and whether we like it or not - the interviewer's narratives are influenced by the social interaction going on in the interview, and by the interviewer's attitude towards and interpretation of the narrative".

3 A condução da entrevista

Conduzir uma boa entrevista de pesquisa consiste em mais do que "fazer a pessoa falar". Em geral, é preciso relativizar o jogo de papéis entrevistador-entrevistado e não se restringir à coleta de "boas declarações". Muitas vezes, trata-se de buscar a compreensão de aspectos considerados pouco importantes pelo entrevistado. Ou de levá-lo a refletir sobre a sua prática, sua identidade em um contexto da interação com o pesquisador. Nesse caso, as condições de realização da entrevista - os estatutos e papéis sociais envolvidos, as condições de emissão do discurso do jornalista - devem ser consideradas tanto na condução da interação como na análise dos dados.

3.1 A negociação de estatutos e papéis sociais

Toda interação é estruturada em estatutos e papéis sociais. Essas tipificações definem os termos da interação - o modo como os atores interpretam a situação e orientam suas linhas de conduta tendo em vista o outro - e estão intimamente relacionadas ao discurso que será produzido no decorrer da entrevista. Tais dinâmicas remetem não só ao contexto imediato da interação, mas fazem referência à ordem estrutural, ao modo como os papéis e estatutos remetem a significados construídos socialmente (STRAUSS, 1992).

Uma entrevista de pesquisa com jornalistas se estrutura fundamentalmente a partir dos papéis de entrevistador e entrevistado e dos estatutos de pesquisador e de jornalista. Dessa situação original, novos papéis e estatutos podem emergir na medida em que a própria interação evolui (STRAUSS, 1992). Seria impossível discutir todas as possibilidades de negociação identitária que surgem em uma entrevista, por isso, apresentaremos aqui uma breve discussão sob as relações entrevistador-entrevistado e pesquisador-jornalista.

No primeiro caso, existe um consenso de que o ideal é tentar transformar a interação em uma conversa mais informal, de modo a romper ou pelo menos minimizar a artificialidade do esquema pergunta-resposta (POUPART, 2012). Ora, quando o entrevistado é um jornalista, acostumado a lidar com entrevistas, essa não é uma tarefa fácil. Em geral, ele conhece os protocolos de uma entrevista e se sente confortável com esse tipo de formato. Tenta, de certa forma, se antecipar às necessidades do entrevistador o que, no limite, pode prejudicar a condução da interação.

Situações desse tipo surgiram nas entrevistas com os jornalistas-intelectuais. Se a entrevista terminava e continuávamos a conversa, alguns entrevistados pediam para que o

gravador fosse novamente ligado de forma que as novas informações pudessem ser registradas. Ou repetiam com o gravador ligado uma declaração partilhada informalmente. Havia, de certa forma, uma espécie de "mise en scène" do entrevistado, habituado com as regras da entrevista e que buscava, até certo ponto, controlar a interação e o próprio registro dos dados.

Conhecemos três estratégias para poder lidar com esse tipo de situação. A mais usual é tentar estender ao máximo o tempo da entrevista, de forma que entrevistador e entrevistado se habituem aos termos da interação. Isso, contudo, está condicionado à disponibilidade do informante para uma conversa mais longa, o que nem sempre é possível.

Uma entrevista de pesquisa com jornalistas se estrutura fundamentalmente a partir dos papéis de entrevistador e entrevistado e dos estatutos de pesquisador e de jornalista. Dessa situação original, novos papéis e estatutos podem emergir na medida em que a própria interação evolui (STRAUSS, 1992). Seria impossível discutir todas as possibilidades de negociação identitária que surgem em uma entrevista, por isso, apresentaremos aqui uma breve discussão sob as relações entrevistador-entrevistado e pesquisador-jornalista.

O pesquisador também pode tentar "inverter" os papéis durante uma entrevista e partilhar informações e pontos de vistas ligados à sua própria experiência, de forma a deixar o informante mais à vontade. "A ideia de que o pesquisador deve mostrar mais do que empatia e verdadeiramente se envolver em relação às pessoas pesquisadas; em suma, abandonar a posição de falsa neutralidade exigida pela ciência positiva". (POUPART, 2012, p. 221). Assim, por ocasião da realização de uma entrevista com um dos assessores de imprensa do Regime Militar, foi necessário empreendermos um lento processo de negociação, de forma a minimizar a desconfiança do entrevistado. Precisávamos formar uma relação quase que de amizade e confiança para que o informante contribuísse com o projeto - algo já utilizado por Bosi (2010) em outra pesquisa. Para isso, passamos a levantar tópicos abordados pelo próprio jornalista, introduzindo e comentando um determinado momento histórico relevante de sua carreira. Nas entrelinhas dessa conversa, deixamos em aberto espaços históricos que permitiam ao entrevistado introduzir na conversa outras temáticas que não aquelas abordadas anteriormente. Foi de suma importância termos esse conhecimento do momento histórico e discutirmos informações sobre a carreira do próprio entrevistado, aprendidas por meio de uma pesquisa documental.

Uma terceira estratégia que pode ser empregada é a prática de alternar durante a conversa questões de pesquisa com perguntas vinculadas à vida pessoal do entrevistado. Isso altera o ritmo da conversa e impede que mecanismos de antecipação da interação sejam colocados em prática. Também recomendamos, durante esse diálogo, se comportar de forma que o jornalista tenha a impressão de que o que ele diz não é importante (STRAUSS et. al., 1964), desconstruindo, assim, suas interpretações com relação às expectativas do entrevistador.

A segunda dimensão das dinâmicas identitárias que permeiam esse tipo de interação envolve as negociações de ordem estatutária, sobretudo a relação entre pesquisador e jornalista. Nesse caso, no ato da entrevista, o pesquisador deve realizar um duplo movimento de análise. Primeiro, refletir sobre o modo como ele próprio se coloca frente ao jornalista, bem como as possíveis implicações disso na condução da entrevista. Ao mesmo tempo, deve se antecipar às interpretações que o jornalista faz da interação e o estatuto que ele atribui ao pesquisador e à pesquisa.

No primeiro caso, é preciso saber lidar com as imagens que o pesquisador faz do jornalista, construídas a partir do senso comum, mas também do recurso a categorias teóricas ou a pesquisas anteriores. Existe sempre o risco de se tentar encaixar a entrevista a esquemas preestabelecidos. Nesse caso, o exercício de auto-análise deve ser seguido da capacidade de reformulação das questões (POUPART, 2012) dentro dos protocolos de uma entrevista semi-estruturada.

Em 2013 enfrentamos uma situação desse tipo. Na investigação sobre as mudanças nas modalidades de acessos e mobilidade no interior das carreiras jornalísticas[5], após uma dezena de entrevistas, havíamos chegado a algumas conclusões iniciais. Uma delas consistia no pressuposto de que a trajetória do jornalista era marcada por uma grande mobilidade entre mídias e veículos. Nossa explicação era a de que eles mudavam constantemente de

Nesse caso, foi fundamental a estratégia de partilhar com o entrevistado algumas das nossas conclusões iniciais antes de começarmos a conversa. Isso permitiu reavaliar alguns pressupostos e reorientar a pesquisa tendo em vista essa nova situação - caso

[5] Pesquisa em curso de Fábio Pereira "Transformações nas carreiras profissionais dos jornalistas brasileiros". Alguns resultados da pesquisa se encontram publicados em: PEREIRA, F. H. Possibilidades de aplicação do conceito de carreiras profissionais nos estudos sobre jornalismo. In: PEREIRA, F. H.; Moura, D. O.; Adghirni, Z. L. (Org.). **Jornalismo e sociedade:** teorias e metodologias. Florianópolis: Insular, 2012, p. 81-98; PEREIRA, F. H. Da formação universitária às redações on-line. Análise das carreiras profissionais dos webjornalistas brasileiros. In: CONGRESSO DA LUSOCOM, 10. 2012, Lisboa. Atas... 2012.

contrário, poderíamos conduzir toda a conversa partindo de um a priori equivocado. Claro, nem sempre é possível trocar impressões com o entrevistado, sob o risco de direcionar demais o conteúdo da conversa, mas a possibilidade de fazer inferências "durante" a interação pode ser uma estratégia interessante para controlar pressupostos equivocados.

Além desse exercício de auto-análise, também é importante tentar interpretar como o jornalista avalia o pesquisador. De modo geral, universidade e mídia interagem com certa frequência: os meios de comunicação têm sido objeto de estudo das Ciências Sociais ao mesmo tempo em que professores costumam ser chamados para colaborar com a imprensa. Dessa relação, emergem situações de reconhecimento mútuo do trabalho e das competências de jornalistas e pesquisadores, processos de circulação de conceitos e ideias, de interações marcadas por cooperação e eventuais conflitos (BROUSTAU et. al., 2012; CARDY; FROISSART; TAVERNIER, 2008). Assim, na base de uma entrevista com um jornalista reside uma dimensão social e coletiva que estrutura a interação.

Em alguns casos, os jornalistas podem procurar se impor como "experts" da técnica de entrevista. Confrontados com o pesquisador, é natural haver uma preocupação em "corrigir" perguntas que sejam "mal formuladas", com o objetivo de "ensinar" o entrevistador sobre o objeto da pesquisa. Por exemplo, durante um projeto de pesquisa em que nos propomos a entrevistar os "jornalistas-intelectuais" brasileiros, indivíduos que dividiam sua atuação entre a prática jornalística e intervenções nos meios político, artístico e universitário[6], perguntamos a um dos entrevistados como ele se definia, já que era detentor de vários estatutos profissionais (jornalista, escritor, intelectual, etc.). A resposta "A pergunta é cabível, mas a resposta não vai te atender porque eu não me divido, eu sou um todo" tinha o objetivo de orientar o pesquisador sobre a maneira "correta" de se abordar um assunto ligado à identidade profissional. Tais mecanismos corretivos funcionam como uma modalidade de imposição estatutária e permitem que o entrevistado, muitas vezes, renegocie as bases da interação.

Esse tipo de situação acontece com frequência em uma entrevista com jornalistas. Em geral, não são intervenções diretas no conteúdo da conversa, mas perguntas[6] sobre o estatuto do pesquisador (É um professor? Estudante? De graduação ou de pós?), sobre[7] os objetivos da investigação, ou sobre o uso subsequente da entrevista (que publicações que

[6] Sobre o assunto, ver: PEREIRA, F. H. **Jornalistas-intelectuais no Brasil**. São Paulo: Summus, 2011.
[7] Pesquisa de Mestrado de Laura Naves "Assessoria de Chumbos: a relação dos jornalistas com a Secretaria de Imprensa da Presidência da República durante os governos Costa e Silva e Médici".

ela vai originar, as garantias de anonimato, etc.). A avaliação que o jornalista faz do pesquisador certamente define as condições de realização da entrevista. Nesse caso, por questões éticas, é importante responder de forma honesta a esse tipo de questionamento durante a análise, considerar os seus efeitos na produção do discurso pelo entrevistado.

Por exemplo, no trabalho sobre as relações entre jornalistas e assessores de imprensa durante a ditadura[8], houve a necessidade de explicar por e-mail a um dos informantes quais eram as condições e exigências que integravam o projeto da pesquisa. Tratou-se de um processo lento de conquista da confiança do entrevistado. Em outro, não houve necessidade desse contato inicial. Entrevistador e entrevistado se conheceram no dia da entrevista e, logo na primeira pergunta, percebemos que o jornalista se propôs a "explicar" os acontecimentos que integravam o projeto de pesquisa. Esse tom permeou todo o depoimento desse jornalista.

Além desse tipo de situação, observamos, em nossas pesquisas, exemplos de apropriação do vocabulário acadêmico pelos jornalistas e um desejo, muitas vezes, de colaborar na condução da própria pesquisa. Muitos sugeriram outros possíveis entrevistados. No trabalho sobre os jornalistas-intelectuais, chegamos a receber sugestões de bibliografia, enviadas pelo correio. No estudo sobre a ditadura, dois entrevistados se propuseram a ajudar na redação da análise, complementando as informações, se fosse necessário. Trata-se, obviamente, de uma situação delicada, mas que mostra um outro lado de caráter interacionial desse tipo de investigação: da mesma forma que o pesquisador é co-responsável pelas respostas emitidas durante a entrevista, o jornalista eventualmente pode (e deve) participar do trabalho de produção de inferência e análise e de construção de um relato da pesquisa. Lidar com esse tipo de situação é bem mais complicado do que tentar assumir uma certa neutralidade como pesquisador e trabalhar pela eliminação de eventuais vieses. Trata-se, na verdade, de levar em consideração o jogo de múltiplas participações que interfere na construção da entrevista, adaptar-se a ele e integrá-lo, na medida do possível, à interpretação dos dados.

[8] Sobre o assunto, ver também Abreu (2012).

3.2 Discurso oficial e memória

Em uma entrevista de pesquisa, é natural que certos informantes adotem uma "linha oficial" (BECKER, 1997), fazendo uso de discursos correntes para descrever ou explicar situações. São narrativas idealizadas, que se cristalizam no imaginário dos entrevistados e podem ser repetidas em diferentes ocasiões. Trata-se de um esforço para reforçar pontos de vista e reconstituir um evento dentro das bases pretendidas pelo entrevistado.

No caso dos jornalistas, boa parte deles já possui experiência como informantes e dominam um discurso sobre o tema: é o caso dos relatos sobre a participação da imprensa no regime militar[8]. Em outros casos, quando fazíamos perguntas referentes à ideologia profissional do grupo (O que é o jornalista? Qual o papel dele na sociedade?), observamos certa recorrência nas respostas, o que se explica pela própria estabilidade da cultura jornalística (DEUZE, 2005).

Em nossa experiência, constatamos duas formas de lidar com o problema da linha oficial. É possível, durante a entrevista, empreender um esforço inquisitivo com o objetivo de romper com esse tipo de discurso. Alguns etnógrafos desenvolveram estratégias específicas para esse tipo de situação, como repetir uma mesma pergunta várias vezes e de diferentes maneiras, fazer-se de ingênuo sobre determinado assunto, abordar uma temática por meio da descrição de uma situação hipotética, ou mesmo se colocar no papel de advogado do diabo (STRAUSS et al., 1964).

Na pesquisa sobre os jornalistas-intelectuais, esperávamos que os entrevistados relatassem o papel que outros atores sociais (pares jornalistas, intelectuais, fontes, estudantes, público, Estado etc.) tiveram na construção de suas reputações. Contudo, alguns jornalistas se acostumaram a relatar suas trajetórias como se resultassem apenas do esforço individual, sem dar muita importância aos outros nesse processo. Nesse caso, recorremos à estratégia utilizada por Strauss et al. (1964) e por Becker (1997) de fazer perguntas retóricas de modo a induzir a pessoa a comentar um tema. Podíamos, por exemplo, pedir ao entrevistado para confirmar sua amizade com determinada pessoa ou descrever uma situação em que suas interações com outros atores pareciam evidentes.

A segunda forma de lidar com o idealismo oficial é aceitá-lo e confrontá-lo ou compreendê-lo durante o processo de interpretação dos dados. Nesse caso, é importante contar com outras fontes de informação, que permitam contextualizar e complementar os discursos produzidos por ocasião da entrevista.

Para Poupart (2012), a entrevista seria um método imprescindível para resgatar a memória dos atores e ainda explicar suas atitudes, avaliando-se a própria linha de raciocínio temporal que os entrevistados atribuem às suas atuações. Isso ficou bastante evidente nas conversas com os jornalistas e assessores que atuaram durante a Ditadura Militar e que possuem uma linha histórica própria, em que constroem o fato a partir de lembranças pessoais. Muitas vezes, era importante evocar acontecimentos narrados pelo entrevistado em outras ocasiões para que eles fossem capazes de reconstruir a teia histórica. Para Bosi (2010, p. 51), "[...] antes de ser atualizada pela consciência, toda lembrança 'vive' em estado latente, potencial".

Bosi (2010) ainda afirma que essa recordação é uma ordenação volúvel que tem como elemento de base ora um aspecto, ora outro do passado. Isso resulta em uma diversidade dos sistemas que a memória pode gerar em cada testemunha de um mesmo acontecimento. Por exemplo, um dos entrevistados, na primeira questão, reconstruiu todo o cenário da sua atuação como assessor de imprensa, desde o convite pelo Presidente da República até o fim do mandato do general-presidente. Sua linha de pensamento o fez ressaltar alguns aspectos que julgava importantes para o entendimento do contexto histórico, algo que estava interiorizado em experiências prévias de relatos sobre o assunto.

No primeiro caso, é preciso saber lidar com as imagens que o pesquisador faz do jornalista, construídas a partir do senso comum, mas também do recurso a categorias teóricas ou a pesquisas anteriores. Existe sempre o risco de se tentar encaixar a entrevista a esquemas preestabelecidos. Nesse caso, o exercício de auto-análise deve ser seguido da capacidade de reformulação das questões (POUPART, 2012) dentro dos protocolos de uma entrevista semi-estruturada.

No caso de outro entrevistado o caminho utilizado para a reconstrução foi diferente. O jornalista precisou ser confrontado com momentos históricos que viveu para que compartilhasse suas experiências no âmbito da pesquisa. Além disso, tratava-se de um informante mais volúvel que chegou a pensar em desistir de contribuir para o projeto por razões de saúde. Ainda que tenhamos dito a ele para cuidar primeiro de sua integridade física, o jornalista já estava pessoalmente envolvido com a pesquisa. E nós, dependendo da sua melhora. Em uma interação por telefone o informante foi capaz de reconstruir sua atuação na Secretaria de Imprensa de uma maneira cronológica e articular com uma vasta

recordação sobre o assunto. Mas sua memória recente já não guardava tantas informações e houve momentos em que repetiu a mesma pergunta diversas vezes durante a conversa.

Bosi (2010) explica que a memória de cada indivíduo está estritamente relacionada a seus grupos participativos, à sua profissão. Ou seja, a relação que os jornalistas possuem com os outros colegas da área reforçam suas lembranças e servem como referência na reconstrução de um período. Durante todo o processo de entrevistas, percebemos esse envolvimento com as histórias dos atores sociais e a dificuldade de confrontar suas memórias. Como o importante era que recordassem e reconstruíssem todos seus cenários de atuações, os pesquisadores optaram por deixar livre essa divagação dos entrevistados, confrontando apenas em momentos que se fizessem necessários, dado os momentos em que as recordações lhes falhavam.

> A função da lembrança é conservar o passado do indivíduo na forma que é mais apropriada a ele. O material indiferente é descartado, o desagradável, alterado, o pouco claro ou confuso simplifica-se por uma delimitação nítida, o trivial é elevado à hierarquia do insólito; e no fim formou-se um quadro total, novo, sem o menor desejo consciente de falsificá-lo. (STERN, 1957, p. 253 apud BOSI, 2010, p. 68).

A afirmação de Stern reforça a importância de se fazer essa reconstrução de cenário a partir das entrevistas com os atores sociais do período. E pudemos perceber essa reconstituição no seu estado mais simplificado ao percebermos a diferença de relatos com a abordagem dos pesquisadores e no que os entrevistados relataram anteriormente em outras conferências e em seus livros, ou seja, uma dualidade entre a memória recente, escrita logo após os fatos, e aquelas rememoradas mais de 40 anos depois.

4 A restituição do discurso do entrevistado

Finalizada a entrevista, inicia o processo de análise dos resultados e redação do relato de pesquisa. Nesta etapa, é importante fugir da tentação de considerar os depoimentos como dados neutros, ou se apropriar de trechos mais contundentes da entrevista - como se fossem as famosas "aspas" das matérias jornalísticas. O relato de uma entrevista deve ser entendido como um discurso, produzido sob condições específicas, e que deve ser analisado como tal.

Isso significa que os elementos que compõem uma situação de interação devem ser recuperados durante a análise. Por exemplo: o local onde foi realizada a entrevista; as

intervenções feitas pelo pesquisador e as reações (verbalizadas ou não) que elas engendraram; o papel atribuído ao pesquisador pelo entrevistado; o emprego de certas palavras; as mudanças no tom de voz e o tempo dispensado no tratamento de determinados assuntos; os adjetivos utilizados para descrever ou narrar uma situação; etc. Isso requer, além de uma leitura exaustiva do material gerado, o uso de outros recursos de registro da interação, como uma caderneta de notas (WOLFINGER, 2002), câmeras fotográficas e filmadoras (BECKER, 1999) e, mais recentemente, webcams (MURTHY, 2008) como formas de ampliar o material a ser analisado.

Essa preocupação pelos detalhes também pode ser aplicada à escolha das temáticas que serão consideradas durante a análise de um corpus composto por entrevistas. De acordo com Deslauriers e Kérisit (2008), o olhar sobre assuntos banais pode revelar dinâmicas que teriam passado despercebidas pelo pesquisador, na medida em que não constituem o cerne do repertório argumentativo do entrevistado. Ao conversar com uma jornalista sobre sua trajetória, descobrimos que certas escolhas feitas no âmbito da sua carreira foram justificadas por motivos de ordem pessoal - ter assuntos para conversar com as crianças, morar em uma cidade agradável - e que não estavam previstas no roteiro de entrevista, centrado apenas na dimensão profissional dos entrevistados. Isso significou repensar o próprio desenho metodológico, incorporando, de alguma forma, outras temáticas às conversas subsequentes.

Como sugerem Riley e Hane (2005), o processo de interpretação requer que o pesquisador passe a considerar cada entrevista como uma "estória". Ou seja, no lugar de agrupar diferentes respostas a partir de conteúdos que sejam iguais ou relacionados, as análises devem considerar cada ação relatada a partir do sentido atribuído pelo interlocutor na situação de interação, enfatizando processos no lugar de temáticas. Isso permitiria a reconstrução de um objeto a partir de um mosaico de narrativas individuais, que se conectam a partir do esforço empreendido pelo pesquisador.

Esse processo de interpretação dos dados em pesquisas qualitativas insere-se em uma abordagem metodológica fundamentalmente indutiva (DESLAURIERS; KÉRISIT, 2008). Em geral, o trabalho de campo antecede a teorização na interpretação dos resultados. Trata-se, na verdade de um processo de dialética, onde conceitos são construídos e refinados em processo pendular em que o pesquisador recorre aos dados empíricos e à teoria. Isso tende a ser criticado por algumas perspectivas que acusam a pesquisa qualitativa de ser

excessivamente descritiva ou incapaz de produzir inferências e generalizações, sejam elas correlações estruturais ou contribuições que permitam a elaboração de grandes sistemas teóricos.

Durante a análise de uma entrevista, a produção de explicações de ordem macro-sociológica ocorre por meio da utilização de instrumentos de agregação qualitativa (DARMON, 2008). Ou seja, a triangulação de um número expressivo de experiências individuais permitiria multiplicar os pontos de vista sobre o fenômeno e encontrar elementos em que ele aparece objetivado. Assim, a mobilização de vários casos faria emergir características que permaneceriam invisíveis em um exame isolado do fenômeno. É esse instrumento - no contexto de uma pesquisa em que serão entrevistados cerca de 50 jornalistas - que nos permitiria, por exemplo, produzir inferências mais gerais sobre mudanças na estrutura da carreira jornalística.

A segunda estratégia é a confrontação dos dados obtidos pelas entrevistas com explicações de ordem estrutural. A ideia é justamente reavaliar e enriquecer pressupostos teóricos por meio da uma dialética entre as estruturas sociais e as trajetórias individuais dos entrevistados. De fato, no decorrer de uma entrevista emergem as explicações de ordem estrutural. Elas funcionam como instâncias de mediação dos sentidos socialmente cristalizados e que são (re)articulados na interação (MCCALL; WITTNER, 1990). Por exemplo, ao analisarmos as trajetórias dos jornalistas-intelectuais brasileiros, tivemos condições de revisitar o contexto mais geral de transformações do mundo cultural brasileiro. Ao mesmo tempo, os dados obtidos pelas entrevistas nos permitiram rever explicações de senso comum e que situavam os anos 1950 como grande momento de profissionalização da imprensa brasileira e de ruptura e autonomização das práticas jornalísticas, política e intelectual (tal transformação, na verdade, só vai acontecer 30 anos mais tarde).

5 Considerações finais

Neste artigo, buscamos discutir as especificidades das entrevistas de pesquisa com jornalistas. Partindo de uma perspectiva interacionista apresentamos algumas situações que surgem com a utilização dessa metodologia e possíveis estratégias que podem auxiliar nos processos de condução das entrevistas e de restituição do discurso dos jornalistas em relatos de pesquisa.

A aplicação de uma técnica "jornalística" numa pesquisa feita com jornalistas envolve alguns procedimentos de ordem metodológica. Os informantes, de modo geral, dominam os protocolos de uma entrevista e buscam se antecipar a eles. Isso pode trazer vantagens (por exemplo, jornalistas são mais abertos ao uso do gravador como instrumento de registro das falas), mas é importante definir com clareza as condições de realização da entrevista, que não deixa de ser uma metodologia de pesquisa em Ciências Sociais. Nesse sentido, é preciso tomar precauções com relação à constituição de um corpus de pesquisa representativo, na realização de entrevistas mais longas e flexíveis e no desenvolvimento de mecanismos de resgate da memória de minimização da linha oficial no discurso dos informantes.

Boa parte das estratégias expostas aqui foram adaptadas ao contexto da pesquisa com jornalistas a partir de um conjunto de pressupostos desenvolvidos nas Ciências Sociais. Já existe uma ampla bibliografia que discute as questões de ordem estatutária, as formas de lidar com possíveis vieses, além da própria desconstrução do paradigma positivista da entrevista. Na verdade, o jornalista não é o único sujeito de pesquisa que trabalha com a entrevista em seu cotidiano. Pesquisas feitas com outros profissionais (políticos, assistentes sociais, psicólogos, funcionários técnicos de RH, etc.) também recorreram a estratégias semelhantes para lidar com seus informantes. No caso desta proposta, a especificidade metodológica reside no reconhecimento do lugar de fala do outro, na importância de se problematizar o estatuto do jornalista-entrevistado nos diferentes momentos da pesquisa.

Não se trata de uma tarefa simples e não temos a pretensão de assumir uma expertise no assunto ou negar possíveis limites e imprecisões metodológicas que podem surgir nos resultados das três pesquisas utilizadas aqui. A validade desta discussão reside, sobretudo, no desejo de problematizar o tema e colocá-lo em debate, de forma a desnaturalizar a entrevista de pesquisa feita com jornalistas. Acreditamos que esta é uma proposta que deve ser levada adiante.

Referências

ABREU, A. A. Um novo olhar sobre os jornalistas: os depoimentos orais. S**obre Jornalismo**, v. 1, p. 96-104, 2012. Disponível em: <http://surlejournalisme.com/rev/index.php/slj/article/download/19/14>. Acesso em: 15 ago. 2013.

BECKER, H. S. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais.** 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

BECKER, H. S. **Propos sur l'Art.** Paris : l'Harmatan, 1999.

BOSI, E. **Memória é sociedade:** lembranças dos velhos. 13. ed. São Paulo: Cia das Letras, 2010.

BROUSTAU, N.; JEANNE-PERRIER, V.; LE CAM, F.; PEREIRA, F. H. A entrevista de pesquisa com jornalistas: introduçao. **Sur Le Journalisme**, v. 1, n. 1, p. 1 -21, 2012. Disponível em: <http://surlejournalisme.com/rev/index.php/slj/article/download/17/12>. Acesso em: 15 ago. 2013.

CARDY, H.; FROISSART, P.; TAVERNIER, A. Le chercheur et le journaliste: regards croisées sur l'information et la communication. COLLOQUE DE LA SFIC, 2008. **Actes...** Disponível em: <http://www.sfsic.org/congres_2008/spip.php?article77>. Acesso em: 15 ago. 2013.

DESLAURIERS, J-P.; KÉRISIT, M. O delineamento da pesquisa qualitativa. In: POUPART, J.; DESLAURIERS, J-P ; GROULX, L-H. ; LAPERRIÈRE, A ; MAYER, R ; PIRES, A. P. **A pesquisa qualitativa:** enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 127-153.

DEUZE, M. **What is journalism?:** professional identity and ideology if journalists reconsidered. Journalism, v. 6, n. 4, p. 442-464, p. 2005.

DARMON, M. La notion de carrière: un instrument interactionniste d'objectivation. **Politix**, v. 21, n. 82, p. 149-167, 2008.

HEINZ, W. R.; KRÜGER, H. Life course: innovations and challenges for social research. **Current Sociology**, v. 49, n. 2, p. 29-45, 2001.

JÄRVINEN, M. Negotiating Strangerhood: interviews with homeless immigrants in Copenhagen. **Acta Sociologica**, v. 46, n. 3, p. 215-230, 2003.

MANN, P. H. **Métodos de investigação sociológica.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1970.

MCCALL, M. M. ; WITTNER, J. The good news about life history. In: BECKER, H. S; MCCALL, M. M. (Org.). **Symbolic interaction and cultural studies**. Chicago & Londres: The University of Chicago Press, 1990. p. 46-89.

MEDINA, C. A. **Entrevista:** o diálogo possível. 3 ed. São Paulo: Editora Ática, 1995.

MELLADO, C. Análisis estructural de la investigación empírica sobre el periodista latinoamericano. **Comunicación y Sociedad**, n. 13, p. 125-147, 2010.

MURTHY, D. **Digital ethnography:** an examination of the use of new technologies for social sesearch. **Sociology**, v. 42, n. 5, p. 837-855, 2008.

POUPART, J. L'entretien de type qualitatif: réflexions de Jean Poupart sur cette méthode. **Sobre Jornalismo**, v. 1, p. 60-71, 2012. Disponível em: <http://surlejournalisme.com/rev/index.php/slj/article/download/8/6>. Acesso em: 15 ago. 2013.

RILEY, T.; HANE, P. Researching practice: the methodological case for narrative inquiry. **Health Education Research**, v. 20, n. 2, p. 226-236, 2005.

STRAUSS, A. L. **Miroirs et masques:** une introduction à l'interactionnisme. Paris: Métailié, 1992.

STRAUSS, A. et al. **Psychiatric ideologies and institutions.** Glencoe: The Free Press, 1964.

TRAQUINA, N. **O estudo do Jornalismo no Século XX.** São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2001.

TRAVANCAS, I. A entrevista no jornalismo e na antropologia. Pesquisando jornalistas. In: MAROCCO, B. (Org.). **Entrevista na prática jornalística e na pesquisa.** Porto Alegre: Libreto, 2012. p. 15-30.

WOLFINGER, N. H. On writing fieldnotes: collected strategies and background expectancies. **Qualitative Research**, v. 2, n, 1, p. 85-93, 2002.

Research interview with journalists: some methodological strategies

Abstract
This paper analyzes the specificities of research interviews with journalists. From an interactionist and ethnographic approach, we discuss the conduction process of interactions between interviewer-interviewed and the restitution forms in journalists' speeches in research reports. We start from our own experience with interviews conducted in different research experiences. In general, the research interview realized with journalists requires some precautions regarding the establishment of a representative research corpus for the development of longer and more flexible interviews and for the development of mechanisms for memory rescue, as well as for minimizing the official line in the informants' speech.

Keywords

Interview. Journalist. Research methodology.

La entrevista de investigación con los periodistas: algunas estrategias metodológicas

Resumen

Este artículo analiza las características de la entrevista de investigación con los periodistas. Desde un enfoque interaccionista y etnográfico, discute el proceso de realización de las interacciones entre el entrevistador y el entrevistado y las modalidades de restitución de los discursos de expresión de los periodistas en los informes de la pesquisa. Partimos de nuestra experiencia con entrevistas realizadas en diferentes situaciones de investigación. En general, la entrevista de pesquisa con los periodistas requiere ciertas precauciones con respecto a establecer un corpus de investigación representativa, en la realización de entrevistas más longas y flexibles y en desarrollo para rescatar la memoria de los entrevistados y para de reducir al mínimo la línea oficial en el discurso de los informantes .

Palabras-clave

Entrevista. Periodista. Metodología de investigación.

Recebido em 17/08/2013
Aceito em 01/10/2013

Copyright (c) 2010 Autor(es) / Copyright (c) 2012 The author(s)
The copyright of works published in this journal belong to the authors, and the right of first publication is conceded to the journal. Due to the journal being of open access, the articles are of free use in research, educational and non-commercial activities.

